

Desafios para a formação de uma identidade negra no Brasil e a importância do rap para a formação do imaginário identitário

*Challenges in the Formation of a Black Identity in Brazil and the Importance of Rap for the
Construction of an Identity Imaginary*

Ryan dos Santos Cardoso,¹ UFPEL

Igor Furtado de Furtado,² UFPEL

Resumo

O artigo tem como objetivo evidenciar os desafios observados para a formação de uma identidade negra no Brasil, como a marginalização, inviabilização e a ausência de políticas públicas para a extinção do preconceito. Em conjunto aos discursos que elucidam os desafios, será explicitado como a música do movimento Hip-Hop, o rap, é um dos fatores atuantes para uma formação de identidade e valorização da cultura afro-brasileira por indivíduos negros no Brasil.

Palavras-chave: Identidade, Racismo, Rap, Brasil.

Abstract

The article aims to highlight the challenges observed in the formation of a Black identity in Brazil, such as marginalization, invisibility, and the lack of public policies to eliminate prejudice. Alongside the discussions that shed light on these challenges, it will also explain how Hip-Hop music—particularly rap—serves as an influential factor in shaping identity and promoting the appreciation of Afro-Brazilian culture among Black individuals in Brazil.

Keywords: Identity, Racism, Rap, Brazil.

Introdução

A pé, trilha em brasa e barranco, que pena
Se até pra sonhar tem entrave
A felicidade do branco é plena
A felicidade do preto é quase.³
(Emicida, 2019).

As questões de identidade racial permeiam nosso ambiente, tornando-se palco para inúmeras correntes dissertarem acerca de questões como etnia, raça, gênero, sexualidade e entre outros aspectos. Esse artigo se propõe a analisar questões como a falta de identificação

¹ Mestrando em História pela Universidade Federal de Pelotas, Licenciado em História. Ryansantosox@gmail.com

² Licenciando em Música pela Universidade Federal de Pelotas, Artista independente. Igorfurtado123@gmail.com

³ Emicida, 2019, AmarElo, Faixa: “Ismália”

de pessoas negras, mas também aquelas que conseguem realizar essa identificação, os desafios físicos e mentais que enfrentam para afirmar sua capacidade.

A raça é uma categoria discursiva e não uma categoria biológica. Isto é, ela é a categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto frouxo, frequentemente ponto específico, de diferenças em termos de características físicas - cor da pele, textura do cabelo, características físicas e corporais, etc. como marcas simbólicas, a fim de diferenciar socialmente um grupo de outro (Hall, 2006, p. 63).

Seguindo essa afirmação de Stuart Hall, define-se os aspectos que definiriam uma raça negra no Brasil, como características imaginadas, como a tonalidade de pele mais escura, cabelo crespo, dentre outros estereótipos que seriam marcados como algo não-branco. “A sociedade escravista, ao transformar o africano em escravo, definiu o negro como raça, demarcou o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interação com o branco e instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior” (Santos, 1983).

Além disso, a busca por uma identificação negra no Brasil poderia ser advinda da busca pela ancestralidade que remete ao continente africano na chamada África Negra. Os escravizados no Brasil oriundos de diferentes partes do continente africano, tiveram características apagadas como a língua, regionalidade e religiosidade. Porque "escravizada/o" descreve um processo político ativo de desumanização, enquanto escrava/o descreve o estado de desumanização como a identidade natural das pessoas que foram escravizadas (Kilomba, 2019, p. 21).

Em troca disso, foram chamados de escravos, como se sua condição fosse a ser essa inteiramente e não imposta pelos escravagistas. Assim por um processo de formação de uma identidade nacional, o branco se tornou o objetivo a ser alcançado e o outro, no caso negros e indígenas, tornaram-se esse ser humano esquecido. A identidade nacional brasileira foi construída por meio de uma relação de alteridade, em que indígenas e negros foram definidos como o “outro” incivilizado e sem história, servindo como contraste para a afirmação de uma brasilidade branca. Essa lógica de exclusão e inclusão no projeto de nação dialoga com as reflexões de Certeau sobre os mecanismos simbólicos de construção social (Certeau, 2010).

O Racismo Estrutural e a Invisibilização da Identidade Negra

Após o final da escravidão, nenhuma iniciativa por parte do Estado foi tomada para o fim ou até mesmo redução das desigualdades entre os negros e brancos. Pelo contrário, o

estarecimento por parte do Estado e a política de embranquecimento da população, fomentaram a distribuição do Racismo Estrutural.

“Em 1888, se repetiria o mesmo ato “Libertador” que a história do Brasil registra com o nome de Abolição ou de Lei Áurea, aquilo que não passou de um assassinato em massa, ou seja, a multiplicação do crime, em menor escala, dos africanos livres” (Nascimento, 2016, p. 79). Abdias do Nascimento afirma a contradição da lei áurea, visto os desafios enfrentados pelos negros após a medida

Com o início do século XX, políticas eugenistas estavam em vigor no globo, e o Brasil encontrava-se essas células espalhadas pelo seu território.

O branqueamento no Brasil foi um projeto apresentado à comunidade mundial no primeiro Congresso Universal das Raças em 1911, em que o país foi representado por João Baptista de Lacerda e apoiado por outros cientistas e estudiosos da época. [...] a partir das políticas de eugenia, ou seja, “limpeza” das pessoas que não correspondessem ao padrão branco europeu, tal proposta inclusive, previa a extinção da população negra em um período de 100 anos (Fernandes, 2022).

Dentro desse contexto, o processo de afirmação da negritude se torna um desafio, especialmente diante das exigências impostas por uma sociedade que historicamente reforça padrões eurocêntricos de perfeição. Ainda assim é importante ressaltar os progressos no enfrentamento ao racismo no Brasil, como a formação do Movimento Negro Unificado em 1979, a constituição de 1988 na qual criminalizou o racismo, a implementação da lei 10.639/03 para a promoção da cultura africana e afro-brasileira e a política de cotas estabelecida em 2012.⁴ Essa senda de conquistas, deixa implícito o avanço das questões étnico-raciais no Brasil, mas não a erradicação do preconceito racial e a identificação dos afro-brasileiros.

O Brasil reproduz suas próprias formas de racismo, causando a dificuldade pela busca de uma identificação do povo negro. “Sem dúvida, todos os racismos são abomináveis e cada um faz as suas vítimas do seu modo. O brasileiro não é o pior, nem o melhor, mas ele tem as suas peculiaridades, entre as quais o silêncio, o não dito, que confunde todos os brasileiros e brasileiras, vítimas e não vítimas [do racismo]” (Munanga, 2015).

O estado brasileiro definiu a busca por uma miscigenação para formar uma identidade nacional, com o intuito do apagamento da população negra, juntamente com um factoide sobre a extinção do preconceito no país. O mito da democracia racial, propagado ao longo do

⁴ Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012.

último século, colaborou para a invisibilização do racismo, dificultando o reconhecimento das opressões enfrentadas pela população negra.

Concebido e propagado por sociólogos per tencentes à elite econômica na metade do século XX, esse mito afirma que no Brasil houve a transcendência dos conflitos raciais pela harmonia entre negros e brancos, traduzida na miscigenação e na ausência de leis segregadoras. O livro *Casa-grande & senzala*, de Gilberto Freyre, tornou-se um clássico mundial com a exportação dessa tese (Ribeiro, 2019).

Essa realidade impõe desafios ao processo de autoafirmação, pois muitas vezes o negro é condicionado a negar sua própria identidade para ser aceito socialmente. Um dos elementos da cultura afro-brasileira é o samba. O cantor Jorge Aragão em sua canção *Identidade* faz críticas aos negros que não confrontam o racismo e aos brancos que exaltam esse tipo de indivíduo. “Se preto de alma branca pra você, é o exemplo da dignidade que não nos ajuda, só nos faz sofrer, nem resgata nossa identidade” (Aragão, 1992).

Outrora, os indivíduos negros sofriam a pressão pela adequação aos padrões estéticos e culturais brancos faz com que muitos negros enfrentem dilemas em relação à sua identidade. Em alguns discursos, o ativista Malcolm X(1965), relata o conflito entre o “ negro da casa” e o “negro do campo”, que em sua visão o primeiro seria o defensor ferrenho de um sistema que o oprimiu, se comportando igual ao seu senhor branco e adotando sua identidade. O negro do campo por outrora, teria sua visão limpa, teria o discernimento dos crimes do homem branco e orgulho de sua negritude

O fenômeno do "branqueamento" estético e comportamental é um reflexo da busca por aceitação em um meio que historicamente marginalizou a cultura negra. Isso se manifesta em diferentes âmbitos, desde a valorização de traços físicos europeus até a desqualificação de práticas culturais afro-brasileiras. “Aqueles nascidos de uniões entre pessoas de cor parda e negra são classificados como brancos; e através de reclassificações o grupo negro perde grande quantidade e ganha muito pouco, o grupo pardo ganha muito mais do que perde, e o grupo branco ganha muito e não perde nada.” (Nascimento, 2016, p. 90).

Essa união dentro do próprio espectro da raça pode ser afetada por fatores estimulados pela branquitude. “Ou, mais raramente, ele quer pertencer a seu povo. E é com raiva nos lábios e vertigem no coração que mergulha no grande buraco negro” (Fanon, 1952, p. 28).

Rap e Identidade: Disputas Simbólicas e Representações

Na segunda metade do século XX, os movimentos negros impulsionaram a busca pela identidade negra no Brasil, promovendo a autoaceitação e o orgulho negro, como a formação do Movimento Negro Unificado em 1978 que foi um dos precursores neste quesito.

Com a explosão da cultura Hip-Hop, que se popularizou no Brasil no final dos anos 80, teve um papel importante na conscientização da população negra. “Neste sentido, o rapper propõe padrões de comportamento e a constituição de uma identidade que se apresenta como estratégia para lidar com essa realidade, que é construída e fundamentada nas experiências cotidianas, em meio à segregação social e étnica, e pela apropriação do que o hip hop tem construído enquanto conhecimento na via informal” (Macedo, 2013, p. 25). Cabe ressaltar, a relevância da música como uma expressão artística. “[...] A obra ilumina algum lado da existência — a presença humana se presentifica. Por esta mesma razão, ironicamente, as obras de arte podem servir para campos específicos do conhecimento. Sem dúvida, esta recorrência é lícita” (Knoll, 1983, p. 7). A música como uma expressão artística, contribui para o conhecimento dos seus apreciadores, se tornando um elemento cultural importante e com papel educativo.

O surgimento do Rap na estação São Bento,⁵ no final dos anos 80 contrasta com o fim de um período nefasto na história nacional, com o fim da Ditadura Militar. A explosão do movimento americano em solo brasileiro, trouxe à tona a busca de jovens periféricos em afirmar o seu orgulho de sua descendência africana e afro-brasileira. “Um aspecto fundamentalmente pedagógico, que é a sua autonomia, sua singularidade e sua capacidade de produzir algo único e irreconhecível; ela só pode ser produzida e assimilada por pessoas emancipadas; por isso, pode ser um indicativo de independência e servir como um norte que aponta a possibilidade de geração do novo como sempre factível ao ser humano”. (Adorno, 1996).⁶ O primeiro disco de rap do Brasil,⁷ o rapper conhecido como Thaíde se popularizou por ser precursor por valorizar elementos da cultura negra, na canção, *Sr. Tempo Bom* de 1996.

[...] Eu via minha mãe voltando pra dentro do nosso barraco
Com uma roupa de santo debaixo do braço
Eu achava engraçado tudo aquilo
Mas já respeitava o barulho do atabaque
E não sei se você sabe, a força poderosa
Que tem na mão de quem toca um toque caprichado, santo gosta
Então eu preparava pra seguir o meu caminho

⁵ Estação de trem, na cidade de São Paulo, berço do Hip-Hop no Brasil.

⁶ A utilização de Adorno se baseia nos seus preceitos de valorização da cultura musical, se difundindo das suas ideias referentes a cultura popular.

⁷ Hip-Hop: Consciência de Rua de 1988.

Protegido por meus ancestrais
Antigamente o samba rock, black power, soul
Assim como o hip-hop era o nosso som
A transa negra que rolava as bolachas
A curtição do pedaço era o La Croachia
Eu era pequeno e já filmava o movimento ao meu redor
Coreografias, sabia de cor
E fui crescendo rodeado pela cultura afro-brasileira [...]
(Thaíde, 1996).

A canção em um primeiro momento reflete a sua relação materna com religiões de matriz africana, que se pressupõe que seria a Umbanda. Ademais, evidencia seu respeito a este elemento da cultura afro-brasileira, ressaltando a conexão com seus ancestrais através desta religião. Em outro momento, o rapper relembra gêneros músicas predecessores ao rap, como o Samba-Rock⁸ no âmbito nacional, como o Soul proveniente dos Estados Unidos. Thaíde em último momento afirma ter sido enraizado por movimentos que ele identifica, integrantes da cultura afro-brasileira, se tornando importante ressaltar os conceitos de raça definidos por Hall (2005), como uma fronteira imaginada por estes indivíduos externos ou que a definem. Porém cabe ressaltar as precauções necessárias ao analisar as experiências individuais do compositor, como frutos do período citado e através de um ponto de partida único. “Os conceitos de “passado”, “herança cultural” e “tradição” devem ser vistos com muito cuidado pelo historiador. Particularmente não defendo nenhum relativismo epistemológico, mas a operação historiográfica da cultura exige uma crítica não só ao sentido do passado, mas aos significados enraizados, eventos e valores culturais herdados e posição dos personagens e obras referenciadas pela tradição.” (Napolitano, 2002, p. 65).

Concomitante a isto, surgem os relatos sobre a violência policial e a denúncia dos casos de discriminação policial em suas vivências. Um dos jovens que surgiram no final dos anos 80 e início dos anos 90, foram os homens negros integrantes dos Racionais Mc’s. No seu primeiro álbum de estúdio, o grupo paulistano gravou a canção, *o Homem na Estrada*, que denunciava o racismo e a opressão policial.

Sou eu mesmo e eu, meu Deus e o meu Orixá
No primeiro barulho, eu vou atirar
Se eles me pegam, meu filho fica sem ninguém
O que eles querem, mais um pretinho na FEBEM.⁹
(Racionais Mc's, 1993).

⁸ Gênero Musical popularizado por Jorge Ben Jor.

⁹ Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor, atual Fundação Casa.

O grupo na primeira estrofe faz alusão a entidades de religiões de matriz africana, além disso faz a alusão a polícia representada na segunda estrofe com “eles”. Nas duas últimas estrofes relata o que é esperado de um jovem negro em sua visão, ser deixado a mercê da criminalidade pelo Estado.

No ano de 2003, a originalidade e resistência do Clã nordestino, grupo formado por Dj Juarez, Negro Lamar, Preto Ghóez, Nando e Lílían, sintetizou todo ódio ao sistema que vinha do nordeste do Brasil, mais precisamente do Maranhão. A militância negra e o grito para uma revolução socialista afro-brasileira ecoa desde da primeira faixa, *Introduclã*, do álbum de 15 faixas, que rendeu o Prêmio Hutúz de 2003 na categoria revelação.

O grupo faz um mix trazendo referências musicais da própria cultura nordestina, como o sample que faz referência de asa-branca em *Toada da clã*, trazendo a rima de repente, mas também trazendo elementos da soul music na faixa *Leva pra mente*, além de trazer alguns samples de Racionais á Maria Bethânia no decorrer do álbum, o Clã também traz figuras históricas buscando inspirações como Che-Guevara, Marighella, Malcolm X, Rosa Luxemburgo e Zumbi de Palmares. “Só quando se reconfiguram as estruturas de poder é que muitas identidades marginalizadas podem também, finalmente, reconfigurar a noção de conhecimento: Quem sabe? Quem pode saber? Saber o que? E o saber de quem?” (Kilomba, 2019, p. 7). A canção evidencia o caráter disruptivo do grupo, reivindicando o papel do saber acerca de sua própria realidade.

A faixa *Ases da Periferia* do grupo reflete a relação do rap com o movimento de gangues, a rebeldia mal direcionada dos jovens pretos e a violência vivenciada pelos mesmos, alertando que o inimigo da periferia não está na periferia, e fortalecendo o discurso da união das quebradas¹⁰ em prol a derrubada da burguesia que os controla.

[...] Outrora orgulho da família, filho exemplar
Agora preto sem atitude, pretitude, a vergonha do lar
Rebeldia mal direcionada
É meia noite, adrenalina sobe, o toque de recolher já foi dado
As armas estão prontas, foguetes, facas, calibres 22, 32, 38, tanto faz
Estamos do lado preto e pobre do Brasil
O arsenal pra ser mais pesado não dá [...] (Clã Nordestino, 2003).

Além disso, o grupo Posse Mente Zulu, formado em 1991, se tornou famoso por abordar figuras e a história negra em todo o mundo, além do Brasil. Sua canção mais conhecida, *Sou Negrão*, foi lançada no dia da consciência negra em 1995.

¹⁰ Gíria Usada Para Se Referir Aos Bairros Periféricos.

Pode me chamar do que quiser que não ligo
 Racista, revoltado sei que não sou nada disso
 Pertença a uma raça sofrida, vivida que acredita
 Que ainda há pra paz, que sorri pra vida
 Cultura afro-brasileira se entregar jamais
 Seja você mesmo um negro guerreiro
 Posse Mente Zulu! Cem por cento preto
 Vinte de novembro temos que repensar
 A liberdade do um negro que tanto teve de lutar
 O negro não é marginal, não é perigo
 Negro ser humano, só quer ter amigo
 Na antiga era o funk, agora é o rap
 Vem puxando o movimento com o negro de talento
 O negro é bonito quando está sorrindo
 Como versou Jorge Ben, o negro é lindo.
 (Posse Mente Zulu, 1995).

O grupo em primeiro momento faz alusão as ofensas provenientes de racistas a indivíduos negros. Logo após das duas primeiras estrofes, faz alusão às injustiças sofridas pelos afro-brasileiros, juntamente com a afirmação da beleza da cultura desse povo. A data mencionada pelo trio paulistano, em alusão ao líder do quilombo de Palmares, se tornou feriado nacional, aprovado pelo Senado Federal (2024), 29 anos após a gravação da faixa.

Ainda em relação com século atual, as políticas de ações afirmativas em aprovadas em 2012,¹¹ têm como intuito diminuir as desigualdades socioeducacionais entre negros e brancos no Brasil. Juntamente com isto, a lei 10.639/03 tem como objetivo promover a história africana e afro-brasileira nas escolas do país. Com essa medida busca-se apresentar a cultura para o fim do preconceito no Brasil, além de buscar a identificação e representatividade daqueles alunos que buscam sua heteroidentificação como pretos ou pardos. Porém, fica evidente o papel informativo do Rap, atuando anteriormente a implementação da lei, e hoje atua de maneira concomitantemente a ela. “Por todos estes elementos, a música, popular ou erudita, constitui um grande conjunto de documentos históricos para se conhecer não apenas a história da música brasileira, mas a própria História do Brasil, em seus diversos aspectos.” (Napolitano, 2002, p. 76).

Considerações finais

¹¹ A Lei 12.711/2012, criada em agosto de 2012, determina que metade das vagas em universidades e institutos federais deve ser reservada para estudantes que fizeram o ensino médio em escolas públicas. Dentro dessas vagas, há uma divisão para pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência, de acordo com a população de cada estado e do Distrito Federal.

Diante do exposto, tornam-se evidentes as dificuldades com o se afirmar negro no Brasil. A escravidão tinha como intuito tirar a humanidade dos africanos escravizados, apagar os aspectos culturais, linguísticos e religiosos desses indivíduos que tiveram suas liberdades e costumes subjugados. Após o final da escravidão, eles e seus descendentes encontram um país que não o imaginavam em seu projeto de nação, com políticas para a marginalização dos negros e de embranquecimento da população.

O reconhecimento do racismo por parte da população no final do século passado, juntamente com políticas educacionais para propagar a história dos povos afro-brasileiros e as políticas afirmativas, foram acontecimentos importantes para a formação de uma identidade negra e diminuição das desigualdades.

O caminho ainda é longo para o entendimento da sociedade brasileira como pertencente a uma estrutura racista:

Um bom exemplo dessa atitude está numa pesquisa do Datafolha realizada em 1995, que mostrou que 89% dos brasileiros admitiram existir preconceito de cor no Brasil, mas 90% se identificavam como não racistas. Na época, a pesquisa foi considerada a maior sobre o tema, entrevistando 5081 pessoas maiores de dezesseis anos, em 121 cidades, de todas as unidades da federação (Ribeiro, 2019, p. 21).

Os brasileiros em sua esmagadora maioria afirmaram existir o racismo, porém quase que igualmente, declararam não reproduzirem o racismo em sua sociedade. Surgindo dúvidas acerca de quem cometeu esses crimes, se não a própria população e o Estado. Referente ao século atual, as políticas de ações afirmativas têm como intuito diminuir as desigualdades entre negros e brancos no Brasil. Juntamente com isto, a lei 10.639/03 tem como objetivo promover a história africana e afro-brasileira nas escolas do país. Com essa medida busca-se apresentar a cultura para o fim do preconceito no Brasil, além de buscar a identificação e representatividade daqueles alunos que buscam sua heteroidentificação como pretos ou pardos.

A formação de uma identidade negra no Brasil é um processo profundamente marcado por resistências históricas, apagamentos sistemáticos e disputas simbólicas. O racismo estrutural e o mito da democracia racial atuaram e ainda atuam como barreiras para a autoafirmação da população negra, promovendo um ideal branco como padrão de beleza, comportamento e pertencimento. Nesse contexto, o rap emerge como instrumento fundamental de denúncia, conscientização e reconstrução identitária, ocupando um espaço simbólico essencial na cultura periférica e afro-brasileira.

Músicas como *Sr. Tempo Bom* de Thaíde e *O Homem na Estrada* dos Racionais MC's, *Ases da Periferia* do grupo Clã Nordestino e *Sou negrão* do trio paulistano Posse Mente Zulu, demonstram como o rap atua como forma de resistência e valorização da ancestralidade, resgatando elementos da cultura negra e expondo os dilemas enfrentados por jovens negros nas periferias urbanas. Através da música, narrativas até então silenciadas ganham voz e força, contribuindo para a construção de um imaginário coletivo que valoriza a negritude e confronta as estruturas opressoras da sociedade brasileira. “É catarse para as massas, mas uma catarse que os mantém todos ainda mais firmemente na linha. Quem chora não resiste mais do que quem marcha. Uma música que permita a seus ouvintes a confissão de sua infelicidade reconcilia-os com a sua dependência social por meio dessa “liberação” (Adorno, 1994, p. 141).”

Diante disso, é imprescindível reconhecer o papel do rap não apenas como expressão artística, mas como ferramenta de educação informal, resistência política e reconfiguração de identidades. O fortalecimento dessas expressões culturais, aliado a políticas públicas como a Lei 10.639/03, representa um passo necessário na direção da justiça social e do reconhecimento pleno da população negra como sujeito histórico, cultural e político.

Com o exposto, surgem as implicações de um problema vigente para a maior identificação dos brasileiros como negros, visto o preconceito presente no Brasil e as ineficiências históricas do Poder Público com essa população marginalizada. Porém, no ano de 2022, foi o primeiro ano após 30 anos que a população em sua maioria no país foi autodeclarada parda, de acordo com dados do IBGE (2023). Um dos significados que esse estudo pôde constatar é a maior ocorrência da identificação dos brasileiros com a sua negritude. Quem sabe, com a contribuição do rap, as pessoas sigam transpondo os desafios identitários do seu tempo.

Fontes

CLÃ NORDESTINO. **Ases de periferia – Letra da música.** Letras.mus.br. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/cla-nordestino/ases-de-periferia/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

POSSE MENTE ZULU. **Sou negrão– Letra da música.** Letras.mus.br. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/posse-mente-zulu/919451/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

RACIONAIS MC 's. **O homem na estrada.** In: **Raio-X do Brasil.** São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica, 1993.

THAÍDE. **Sr. Tempo Bom.** In: **Preste Atenção.** São Paulo: ST2, 2007

Referências

ADORNO, Theodor W. Por que é difícil a nova música. In: _____. **Sociologia**. Organização de Gabriel Cohn. São Paulo: Ática, 1994a.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

ARAGÃO, Jorge. **Identidade**. 1992.

BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. **Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 30 ago. 2012.

BRASIL. Senado Federal. **Dia da Consciência Negra é feriado nacional pela primeira vez**. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/videos/2024/11/dia-da-consciencia-negra-e-feriado-nacional-pela-primeira-vez>. Acesso em: 10 jun. 2025.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

CONTIER, Arnaldo Daraya. Música no Brasil: história e interdisciplinaridade. Algumas interpretações (1926-80). In: **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, 16., 1991, Rio de Janeiro. História em debate: problemas, temas e perspectivas. Anais do XVI Simpósio da Associação Nacional dos Professores Universitários de História. [S.l.]: CNPQ/InFour, [199-], p. 151-189.

EMICIDA. **AmarElo**. 3. ed. São Paulo: Laboratório Fantasma; Sony Music, 2019. CD, 11 faixas. Lançado em 30 de outubro de 2019

EMICIDA. **Emicida: AmarElo – É Tudo Pra Ontem**. Direção: Fred Ouro Preto. Brasil: Netflix; Laboratório Fantasma, 8 dez. 2020. Documentário, 71 min.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Camilla. Você sabe o que foi a teoria do embranquecimento no Brasil? **Politize!**, 2022. Disponível em: <https://www.politize.com.br/embranquecimento/>.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2022**: pela primeira vez desde 1991, a maior parte da população do Brasil se declara parda. Agência de Notícias IBGE, 22 dez. 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda>.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. Disponível em: https://leiaarqueologia.wordpress.com/wp-content/uploads/2018/02/kupdf-com_identidade-cultural-na-pos-modernidade-stuart-hallpdf.pdf

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: Episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019, p. 111-119. Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/MEMORIAS_DA_PLANTACAO_-_EPISODIOS_DE_RAC_1_GRADA.pdf

KNOLL, Victor. **Paciente Arlequinada**: uma leitura da Obra Poética de Mário de Andrade. São Paulo, HUCITEC, 1983.

LAST.FM. **Posse Mente Zulu – Biografia**. Disponível em: <https://www.last.fm/pt/music/Posse+Mente+Zulu/+wiki>.

MACEDO, Iolanda; FIUZA, Alexandre Felipe. A educação informal e o rap como agente educativo. **Eccos Revista Científica**, São Paulo, n. 31, p. [páginas], 2013. DOI: 10.5585/eccos.n31.4285. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/4285>.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MUNANGA, Kabengele. **Origens africanas do Brasil contemporâneo**: histórias, línguas, culturas e civilizações. São Paulo: Global, 2009.

NASCIMENTO, do Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**. Processo de um racismo mascarado. 2016. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro.

NASCIMENTO, Abdias do. Teatro Experimental do Negro: trajetória e reflexões. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 218, 2004.

PEIXOTO, Enock da Silva. Theodor Adorno: sobre a influência da música na formação humana. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 18, p. 1–18, novembro 2018. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/18/23/theodor-adorno-sobre-a-influncia-da-msica-na-formao-humana>. Acesso em: 10 jun. 2025.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, Carla Adriana da Silva, (Carla Akotirene]. **Ó pai, prezada!** Racismo e sexismo institucionais tomando bonde no Conjunto Penal Feminino de Salvador. Dissertação de mestrado em estudos interdisciplinares sobre mulheres, gênero e feminismo. Universidade Federal da Bahia, 2014.

VIEIRA, José Jairo; VIEIRA, Marco Aurélio Dias; GORNI, Ruan Mascarenhas; SANTOS, Nayara da Silva dos; SANTOS, Nathália da Silva dos; MEDEIROS, Claudio Aroldo da Paixão; PEIXOTO, Shirleia dos Santos. O RAP como meio transformador na educação: tematizando rap em uma escola pública do município do Rio de Janeiro. **Nuances: Estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 35, n. 00, p. e024020, 2024. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/10810>.

X, Malcolm. **A autobiografia de Malcolm X**. Organizado por Alex Haley. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Submetido em: 23 jun. 2025

Aceito em: 09 out. 2025